**EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**A INCLUSÃO DE SURDOS NA SALA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Franceline Alves Bispo**

**Franciele Alves Bispo**

**Mayara de Fatima Rissardi**

**RESUMO**

Neste artigo decorremos sobre a INCLUSÃO DE SURDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Faremos uma breve síntese a respeito da infância e educação infantil onde a infância é denominada o período do nascimento até por volta dos doze anos de idade. Falaremos também a respeito da surdes e a sua linguagem, onde faremos uma síntese sobre o que é a surdez e um pouco da história da linguagem oficial entre os surdos que mudou com o passar dos tempos dando apoio ao processo de inclusão das comunidades surdas ao meio ouvinte. Será tratado também sobre a importância da formação dos professores para a inclusão dos surdos, onde nada se adianta falar na inclusão do surdo na sala de aula e na comunidade se o próprio professor não ter acesso a um material de interprete ou não ouvir falar no seu período de formação acadêmica. Finalizamos este artigo com um estudo de caso, onde observamos uma menina surda que esta inclusa em uma sala de ouvintes em uma escola de educação infantil, foi observada sua relação com a professora, amigos de sala e com os demais que fazem parte do âmbito escolar. “Não é a surdez que define o destino das pessoas, mas o resultado do olhar da sociedade sobre a surdez.” (Lev Vygotsky).

**ABSTRACT**

In this article we decorremos on DEAF INCLUSION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION. In this work we will make a brief summary about the childhood and early childhood education where childhood is called the birth of the period until around the age of twelve. We will also talk about the surdes and their language, where we will make a summary of what is deafness and some of the history of the official language of the deaf that has changed with the passage of time supporting the process of inclusion of deaf communities in half listener. It will also be treated on the importance of teacher training for inclusion of the deaf, where nothing is useless to mention the inclusion of the deaf in the classroom and in the community if the teacher himself does not have access to an interpreter material or not hear in your period of academic training. We end this article with a case study, where we observe a deaf girl who is included in a hearing room in a school of early childhood education, there was his relationship with the teacher, living friends and others who are part of the school environment . "It's not the deafness that defines the fate of people, but the result of the look of society on deafness." (Lev Vygotsky)

**INTRODUÇÃO**

Nós seres humanos vivemos em um contexto onde a sociedade se despertou para a exclusão social, assim entendemos que as crianças surdas necessitam de uma abordagem bilíngue onde a primeira língua é a língua de sinais, porém compreender os surdos e não velos mais com um olhar preconceituoso, como alguém deficiente, sofredor ou incompleto, e ter uma visão de ser compreendido como alguém que ama, sofre, se diverte e estuda como uma pessoa que não está alheio ao mundo que o cerca.

No decorrer da nossa formação acadêmica do curso de pedagogia, estudados de como e importante os conteúdos que abordam a linguagem na formação das crianças na escolarização, no entanto olhamos com uma preocupação e ao mesmo tempo com uma curiosidade por pesquisar de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem de um aluno surdo na educação infantil, onde utiliza uma língua viso-gestual, as libras, enquanto os demais do grupo da sala de aula e do convívio se interagem através da fala.

A nossa visão da relação dos surdos vem se modificando ao longo da historia, de acordo com o autor Chomsky (1971) “todas as crianças possuem características inatas que permitem adquirir e desenvolver a língua da sua comunidade, apesar das crianças nascerem pré-programadas para adquirirem a linguagem, necessitam viver num ambiente linguístico para que o processo seja estimulado”.

Ainda não podendo esquecer que as crianças conhecem o mundo por intermédio da linguagem passando a compreender melhor onde esta interagindo, nesse meio, a criança surda necessita de uma língua que lhe possibilite a integração ao meio no qual ela seja capaz de compreender o que está ao seu redor, em vez de ser uma língua que o impossibilite de ter maior interação com o meio que frequenta.

Quando desde cedo nossos país nos auxiliam e ensinam para que não haja nenhum tipo de descriminação já estamos respeitando as diferenças e nos preparando para as dificuldades que vamos encontrar na vida, assim no nosso cotidiano sempre se deparamos com crianças com alguma deficiência que erguem a cabeça e dão exemplo de como encontram forças para superar os obstáculos.

Além de compreendermos que respeitar as diferenças e as dificuldades que a surdez causa para o desenvolvimento social e educacional desses sujeitos é para encontrar metodologias que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem dos surdos, sendo assim um momento importante dessas crianças que é da inclusão.

Onde cada um respeitando seus limites e utilizando a linguagem de sinais no espaço frequentado eles vão aprendendo mais e certamente terão um desenvolvimento melhor. Hoje são frequentes as discussões sobre a inclusão de crianças surdas, tem o mesmo direito de frequentar a sala de aula e ainda com um interprete de libras para poder se desenvolver e acompanhar os conteúdos trabalhados em sala.

Com isso prestamos mais atenção de como essa criança adquire a linguagem e de como ocorre o desenvolvimento escolar no contexto da inclusão, temos que compreender e ver a independência do surdo como meio social em que ele está integrado, pois este é um elemento importantíssimo para que haja desenvoltura e que quando houver dificuldades nessa luta consiga superá-la.

Vimos então que compreender e estudar como a linguagem do surdo no contexto da inclusão pode ser tratada justifica essa pesquisa. Nosso objetivo não e só falar sobre a inclusão do surdo na educação infantil, mas sim de levar mais conhecimento e aprendizado para aqueles que não tiveram o direito de entrar numa sala de aula e de ser acompanhado por um interprete de sinais, assim fazendo essa pesquisa em analisar a relevância da linguagem dos surdos incluídos na educação.

**CAPITULO I: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Tomando como base neste capítulo fará uma breve síntese a respeito da história da infância e da educação infantil. A infância é denominada o período do nascimento ate por volta dos doze anos de idade.

É nesse período que a criança se desenvolve com um grande avanço e tem mais facilidade no processo de aprendizagem. Os adultos são uma espécie de espelho para eles, que aprendem através de observações que fazem deles, principalmente imitando- os.

Ate o século XVII ás crianças eram predominadas como um adulto em miniatura, a participação das crianças na sociedade eram vistas como de um adulto, para eles o raciocínios, sentimentos e ações tinham os mesmos valores de um adulto. Com o passar dos anos através de estudos observaram as necessidades das crianças, que necessitavam de mais cuidados, amor, carinho, educação, lazer e proteção para ter um bom desenvolvimento. Sendo assim foram afastadas da vida imprópria que tinham na sociedade, abrindo espaço para ter uma verdadeira infância tendo suas necessidades supridas.

A formação de leis que foram se modificando com o passar dos anos, teve grande influencia e valor para a criança tomar seu espaço na sociedade, sendo considerados e reconhecidos seus direitos como um ser em formação. Segundo a Lei Nº 8.069, De 13 de julho de 1990:

Art.2º Considera- se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa ate doze anos de idade incompleta;

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes a pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se- lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder publico assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

(Estatuto da Criança e do Adolescente)

Para concretizar os grandes objetivos que uma escola transfere para a criança precisa muito do papel da família principalmente na educação infantil, onde a cobrança maior dos pais e se o filho está bem cuidado ou se não se machucou esquecendo assim de analisar a parte pedagógica do trabalho do profissional onde a metodologia deve ser construída, levando-se em conta a realidade de cada grupo de criança e a partir das atividades propostas no grupo.

Alguns autores que estudam o período do desenvolvimento humano como é o caso de Áries (1978) relatam que nessa época a criança era retratada nas artes com a forma muito parecida com a do adulto onde só mudava o tamanho dos retratos.

Ainda no desenvolvimento da infância a despreocupação com crianças que era muito pequena era imensa, pois seja pelo grande número de mortes já nos primeiros dias ou messes de vida. Outro fato muito comum descrito por Áries (1978) era o de que muitas crianças serem enterradas nos jardins das próprias casas, sem nenhuma preocupação ou qualquer incomodação com os corpos das crianças, além de serem vestidas como adultos.

Mas com passar dos tempos ocorreram mudanças principalmente no jeito de vestirem as crianças, mas vale lembrar que essas mudanças ocorreram nas casas das famílias burguesas já que os filhos da população mais carente não mudaram muita coisa. Nesses tempos, a história social da criança relatada por Áries não tinha nenhuma comoção como a que sentimos nos dias de hoje.

**CAPITULO II: SURDES E A SUA LINGUAGEM**

Neste capitulo, faremos uma síntese sobre oque é a surdez e um pouco sobre a história da linguagem oficial entre os surdos que mudou com o passar dos tempos dando apoio ao processo de inclusão das comunidades surdas ao meio ouvinte. A audição é o sentido mais importante dos seres humanos para inseri-los no mundo, pois nos ajuda a se comunicar e a comunicação humana e de grande valor para o desenvolvimento social.

**2. - SURDES**

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus da perda de audição.

Pode se considerar dois tipos diferentes dessa deficiência de sentido, parcialmente surdos àqueles que possuem mesmo com deficiência á audição funcional e surdo àquele que a audição não é funcional na vida comum.

O déficit auditivo pode ser definido como:

**2.1- Parcialmente surdo (com deficiência auditiva):**

***a) Pessoa com surdez leve* –** indivíduo que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras tende dificuldade em compreender o que lhe é dito. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo é considerado desatento, solicitando frequentemente a repetição daquilo que lhe é falado causando irritação nas pessoas em sua volta.

***b) Pessoa com surdez moderada* –** indivíduo que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É frequente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo em alguns casos maiores problemas linguísticos.

**2.2- Surdo:**

***a) Pessoa com surdez severa* –** indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identificasse alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar.

***b) Pessoa com surdez profunda* –** indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir à língua oral sendo sua linguagem a língua dos sinais.

A perda auditiva pode ser considerada de três tipos: condução, percepção e mista.

A perda auditiva pode ser por condução quando o broqueio ocorre no mecanismo que conduz o som desde o canal auditivo ate o estribo. Causado por acumulo de cera no canal do ouvido, perfuração do tímpano, infecção no ouvido médio e lesão dos pequenos ossinhos.

Surdez de percepção é aquela gerada por um problema no mecanismo de percepção de som desde ouvido interno ate o celebro. Causado por ruído intenso, infecções bacterianas e virais, certos medicamentos, idade, variação de pressão no liquido do ouvido interno e tumores benignos e malignos.

A surdez pode ser considerada mista quando os mecanismos de condução e percepção estão alterados prejudicando de forma avançada a audição do individuo.

A muitos casos de surdez congênita, quando uma criança nasce surda. Sua causa pode ser hereditária ou não, doenças da mãe na gravidez, medicamentos que estavam sendo tomados e complicações de parto. Na metade dos casos de deficiências auditiva congênita há um fator genético. Em algumas famílias o caso de surdez é mais comum entre a maior parte dos familiares devido a alterações e mutações de gêneses. As alterações no DNA são herdadas de um dos pais ou em alguns casos dos dois e podem ser transmitidas para a sua geração.

**2.3- Um pouco sobre o percurso da linguagem dos surdos no Brasil (libras)**

Acredita-se que a linguagem é a forma mais importante de se comunicar em sociedade, pois é através dela que se trocam informações, ideias e sentimentos. Por volta do longo período da historia os surdos ficaram isolados da sociedade, pois não havia uma forma adequada de se comunicar com as pessoas ouvintes, que os consideravas como seres desprovidos de direitos. A INES foi a primeira escola para crianças surdas no Brasil foi criada pela lei nº 839, de 1857 por Dom Pedro II no Rio de Janeiro. As crianças eram ensinadas a se comunicar através da língua escrita e de sinais. O primeiro professor foi o francês surdo Ernesto Huet, que trouxe consigo a língua francesa de sinais. As crianças tiveram um grande avanço na sua forma de se interagir com a sociedade ouvinte. Em 1930 ate 1947 foi proibida a Língua de Sinais entre os surdos, podendo somente usar o alfabeto manual para se comunicar. Em 1950 foi proibido o alfabeto manual e a Língua de Sinais, que foi substituído pelo método orálista. Os surdos não se adaptaram a essa forma de se comunicar e continuaram a usar a Língua de Sinais, ate a chega da Língua Brasileira de Sinais oficial (LIBRAS).

Após varias lutas para o reconhecimento dos direitos de igualdade das pessoas surdas, a Língua Brasileira de Sinais, começou a ter importância no Brasil, com a ajuda da lei de Nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta lei que abriu caminhos para a participação das pessoas surdas no meio social.

Segundo a Lei de Nº 10.436:

Art.1º É reconhecida por meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS e outros recursos a ela associada.

A comunidade surda a partir de então deixou de ser isoladas, pois a LIBRAS se tornou uma linguagem oficial de direito das comunidades surdas, pois pelo Decreto de nº 5.626 foi obrigado a inserir a disciplina dentro das Universidades e Faculdades dando suporte para uma melhor comunicação entre a comunidade surda e ouvinte. Dando um grande passo para a inclusão social dos surdos, quebrando grande parte dos preconceitos e dificuldades sofridas dentro da sociedade. Segundo Amaral (1993)

[...] a dificuldade de ser surdo numa sociedade que teima em generalizar os seus próprios padrões a todos sem o respeito e a atenção devidos a diferença. E a diferença entre um surdo e um ouvinte reside tão só na ausência ou existência do sentido da audição, respectivamente e desta pequena diferença resulta que os surdos não ouvem, logo não tem acesso na língua oral; se quisermos especificar melhor acrescentaremos que a língua oral não pode ser a língua natural do surdo profundo porque a privação ou danificação do órgão da audição não lhe permite a apreensão.

**CAPITULO III: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DOS SURDOS**

Há um tempo o surdo teve seu processo educacional negado, assim alegando não ter o domínio da oralidade. As pessoas que nascem surdas ou se tornam surdas por algum motivo antes de aprender a língua de comunicação social, ou seja, a língua que se fala no lugar onde vive, paralelamente, as pessoas que se tornam surdas perde o acesso a língua pela via oral, com isso se torna mais propício a exclusão destes sujeitos das diversidades dinâmicas sociais, entre elas da escolarização.

Contudo as preocupações foram chegando e assim viabilizando e discutindo mais sobre o processo de alfabetização dos surdos, considerarão que o papel do professor no processo inclusivista é de suma importância, pois viabilizar a sala de aula as condições para atender as necessidades do aluno, mais que isso, contribuir para o seu desenvolvimento a fim de que possam participar efetivamente, em todas as instancias de convívio social.

Portanto fazer com que todos se enturmem para os aspectos da individualidade e da diversidade entre os alunos que compõem a sala de aula dando discursão para ampliar os profissionais na educação de LIBRAS língua de sinais que se deu uma lei em Abril de 2002(lei n. 10436, de 24 de Abril de 2002), portanto, começou a abrir novos caminhos a partir dessa lei, para assim muitos profissionais que já trabalham com surdos tivesse uma visão diferente para trabalhar com eles, ver a língua de sinais como uma forma de comunicação, não vendo como uma única forma de comunicação dos surdos que conseguirão desenvolver a língua de oral.

*Nada se adianta falar na inclusão do surdo na sala de aula e na comunidade se o próprio professor não ter acesso a um material de interprete ou não ouvir falar no seu período de formação acadêmica precisa ter estimulo ouvir falar estar interagido no tema a ser discutido, pensar no assunto, querer trabalhar nessa are.*

Com a formação do professor voltada para o aluno com deficiência auditiva não pode ser de maneira isolada, para se ter um bom resultado faz importante repensar no assunto ter mais avisos chamando a atenção colocando a prova tudo que foi falado e escutado na formação do professor sendo assim o profissional vai ver que a diversidade não e maior que a vontade de ser um interprete de sinais libras.

O interprete e o responsável pela comunicação entre falantes de uma língua A e falantes de uma língua B, o interprete de libras em sala de aula e o responsável pela comunicação entre surdos e ouvintes no contexto escolar assim o interprete de libras tem a especificidade de traduzir a língua brasileira de sinais, tornando-se o canal de comunicação entre falantes de uma e de outra língua.

Na perspectiva de caminhar em direção que melhor da conta das complexidades individuais e coletivas da se a necessidade da formação do professor, tanto inicial como continuada que o fundamenta pedagogicamente para atender a diversidade assim destacando a importância de professores que acolhem cada aluno, surdo ou ouvinte, livres de preconceitos e comprometidos politicamente com a função cultural e social de construir conhecimentos e reconhecer a plenitude de suas diferenças.

**CAPITULO IV: ESTUDO DE CASO**

1. **A inclusão da criança surda dentro de uma sala de educação infantil**

Nosso estudo de caso ocorreu em uma Escola de Educação Infantil situada na cidade de Sorriso/MT. Observamos uma menina surda que esta inclusa em uma sala de ouvintes. Gabriela tem três anos e meio de idade, estuda em uma escola particular de porte médio na sala de infantil III, junto com ela esta inseridas 13 crianças ouvintes. Observamos sua relação com a professora, amigos de sala e com os demais que fazem parte do âmbito escolar.

Gabriela esta inclusa na escola desde 1 ano de idade, onde frequentava a sala de infantil I. Mora na mesma cidade que estuda com seus pais e 2 irmãos mais velhos todos ouvintes. Sua mãe é dentista e seu pai empresário. Ambos possuem grande participação na vida escolar da menina. Como relata a mãe de Gabriela:

“\_ A Gabi foi um grande presente para nos, juntos aprendemos diversas coisas. Quando precisa fazer uma tarefa todos ajudamos ela. La em casa todos nos somos bilíngues para podermos auxiliar na formação acadêmica dela.”

A menina estuda no período matutino, vai na fonoaudióloga três vezes na semana, para auxiliar no seu desenvolvimento, faz natação e bale. Os pais lutam para que ela seja totalmente inclusa na sociedade e vista igual a todos. Segundo o pai da menina:

“\_ Minha filha é uma criança normal, que aprende iguais as demais, pula, corre e se desenvolve muito bem. Por mais que ainda existe certo preconceito na nossa sociedade, eu quero que minha filha esteja totalmente inserida nela estudando, dentro de uma faculdade, trabalhando e sendo muito feliz...”

Iremos agora fazer um pequeno relato do que observamos no período dentro da rotina da escola. Quando iniciamos nosso estudo não tínhamos muito contato direto com a menina, apenas observamos seus aspectos dentro da escola. Ficamos muito surpresas pois nunca tínhamos ficado tão próximas e tínhamos nos relacionados com crianças surdas, nem mesmo sabíamos a linguagem dos sinais para nos comunicar com ela.

**1.1-A relação entre as crianças**

No primeiro dia observamos a relação de Gabriela com os demais amigos. Todos quando chegavam sentavam em roda e contava historias de como tinham passado de um dia para o outro, todos se interagiam entre eles e a professora. Gabriela sempre observava e fica quieta fazendo expressões diferentes de acordo com as que os amigos faziam ao relatar sua historia. Quando todos terminavam era vez de Gabriela que mesmo com sua professora interprete, contava sua historia de sua maneira e todos demonstrava entender o que ela havia contado. Conforme ela ia contando as crianças iam adivinhando o que ela estava dizendo de acordo com seus gestos e dessa forma se tornava uma brincadeira muito prazerosa para eles.

Observamos que Gabriela sempre tinha mais intimidade com duas amiguinhas que sempre estava por perto dela cuidando, brincando e interpretando os seus desejos quando não eram entendidos pelos colegas e ate mesmo pela professora. Cada criança tinha seus próprios sinais para se comunicar com a menina que era entendida com muita facilidade.

No período que estávamos ali ocorreu uma situação que nos chamou a atenção. Uma coleguinha de outra turma que estava brincando junto com a turma de Gabriela no parque, empurrou a menina e lhe ofendeu de forma verbal. As crianças de sua turma ficaram muito bravas e á defenderam. Achamos muito interessante a forma e os cuidados que eles têm com a amiga por serem tão pequenos.

As crianças sempre buscavam meios de incluir Gabriela nas brincadeiras, deixando sempre de lado as diferenças entre eles. Os pais dos alunos sempre chegavam para busca-los e a menina já se comunicava com todos que sempre tratava com muito carinho. Uma mãe nos contou que sua filhava já estava fazendo curso de LIBRAS para poder se comunicar melhor com Gabriela.

**1.2- Relações com a escola e professores**

Gabriela é uma aluna que foi inclusa em uma escola de ouvintes, onde a escola esta num processo de inclusão. Mesmo não estando preparada totalmente para receber uma criança com deficiência auditiva, busca soluções para as dificuldades que surgem. Observamos que o corpo docente não possui uma formação adequada, profissionais com formação básica que tem dificuldade para se comunicar com Gabriela. A comunicação é através da interprete, que possui apenas o curso de LIBRAS.

A direção da escola sempre busca meios pedagógicos para se trabalhar com a menina, para que se interaja de forma plena com os demais alunos da escola. Em alguns momentos notamos que alguns professores possuem preconceito com Gabriela, demonstrando desinteresse e ignorando seus desejos, deforma desagradável deixando a menina constrangida.

A professora busca meios de trabalhar sempre o lúdico com a menina, planejando atividades que pode inclui-la e desenvolva sem dificuldades para desenvolver melhor todos os aspectos deforma prazerosa para ela. Esta aumentando o seu nível de formação para melhor cumprir seu trabalho e ter um resultado satisfatório.

A direção da escola, professora e os pais de Gabriela estão presentes demostrando grande participação e preocupação com o seu processo de inclusão na sociedade, deixando clara a importância da escola e da família nesse processo.

**1.3- O papel da Interprete**

Á interprete de línguas de sinais, que acompanha Gabriela esta cursando o curso acadêmico de pedagogia e possui um curso especializado na areia de língua de sinais.

Acompanha a menina nas suas atividades diárias, auxiliando nas suas dificuldades e na comunicação com as demais pessoas dentro da escola. É o principal meio de interação da menina com os demais que fazem parte da comunidade escolar principalmente com a professora.

A profissional possui grande afeto pela menina, que demostra ter grande confiança e respeito por ela. Por mais que se empenha no seu trabalha algumas vezes sente dificuldade de se trabalhar por falta de material de apoio necessário.

Observamos o seu grande empenho para que a aluna faça parte de todos acontecimentos da escola, demonstrando bastante interesse em resolver as dificuldades que ela possui e em demonstrar os potenciais da menina.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que cabe a família estar presente na vida escolar das crianças desde a educação infantil, período que inicia a formação acadêmica e social das crianças e as escolas estarem preparadas para receberem crianças com necessidades especiais para que ocorra um processo de inclusão satisfatório.

Ao observar as mudanças que ocorreu durante o decorrer dos anos, notamos que houve uma grande luta para a comunidade surda conquistar seu espaço na sociedade. Mesmo com tanta luta ainda possui muitos que estão excluídos dela.

Os transtornos gerados pela diferença devem ser trabalhados desde o inicio da formação das crianças para que não prejudiquem futuramente, ensinando que a diferença faz parte da nossa sociedade despertando uma visão ampla da importância dos diretos de todos.

**BIBLIOGRAFIA**

MOURA, Maria Cecilia de. O surdo: caminho para uma nova identidade.

NOVAIS, Edmarcius Novais. Surdos: Educação, Direito e Cidania.

Brasil, Lei Nº 8.69, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente.

**Sites relacionados:**

<http://www.planalto.gov.br>

https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\_pedagogia/pdf/2008.1/o%20intrprete%20de%20lngua%20brasileira%20de%20sinais%20no%20ensino%20fundamental%20e%20seu%20papel%20na%20escola%20comum

<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=149>

<http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/formacao_do_professor.pdf>